



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**USOS LITERAIS E METAFÓRICOS DOS DÊITICOS “AÍ” E “LÁ” EM DADOS
VERBAIS E MULTIMODAIS**

Thaís Lourenço Lima

RIO DE JANEIRO

2022

THAÍS LOURENÇO LIMA

DRE: 117056762

USOS LITERAIS E METAFÓRICOS DOS DÊITICOS “AÍ” E “LÁ” EM DADOS
VERBAIS E MULTIMODAIS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação Português-
Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Ferrari

RIO DE JANEIRO

2022

AGRADECIMENTOS

A Jesus, Divino Mestre, cujas lições iluminam os caminhos da minha vida. Como bem define Paiva Netto, “quem confia em Jesus não perde o seu tempo, porque Ele é o Grande Amigo que não abandona amigo no meio do caminho”. Seu amparo se fez presente, como sempre, desde o início da graduação até a conclusão de mais esta etapa.

A Maria Santíssima, pelo coração acolhedor e generoso de todas as horas. Seu exemplo de força e coragem me inspira a seguir em frente e a vencer os desafios.

À minha família e aos meus amigos, pelo amor, incentivo e confiança sem fim. Em especial, às minhas avós, Íris (*in memoriam*) e Antônia (*in memoriam*), pelo legado de perseverança, assim como aos meus avôs, Nelson (*in memoriam*) e Euclides (*in memoriam*). À minha mãe, Valéria; ao meu pai, Alex; ao meu irmão, Thiago; à minha tia — tantas vezes, também mãe —, Angélica; e à minha madrasta, Viviane, pelo apoio incondicional, sem o qual não teria sido possível chegar até aqui.

Aos meus brilhantes professores, por terem feito dessa experiência na Faculdade de Letras uma das mais enriquecedoras da minha vida. Em especial, à minha orientadora, Lilian, que me apresentou o universo fascinante da Linguística Cognitiva, pela paciência, cuidado e generosidade ímpar.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio à pesquisa de Iniciação Científica que deu origem a este trabalho.

A todos que fazem, de alguma forma, parte da minha trajetória pessoal e acadêmica: muito obrigada. Sintam-se abraçados, sem exceção — a memória do coração os registra.

*É mais fácil, também, debruçar os olhos no oceano
e assistir, lá no fundo, ao nascimento mudo das formas,
que desejar que apareças, criando com teu simples gesto
o sinal de uma eterna esperança.*

Cecília Meireles

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os usos literais e metafóricos (LAKOFF & JOHNSON, 1980) dos dêiticos locativos “aí” e “lá” em dados verbais e multimodais do português brasileiro falado. A análise, de caráter qualitativo e quantitativo, utiliza dados verbais coletados do *corpus* do *Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, e dados multimodais extraídos do *corpus* do *Distributed Little Red Hen Lab*, um laboratório global para pesquisa em comunicação multimodal. Os resultados comprovam a ocorrência de diferentes tipos de uso dos dêiticos na fala e a correlação desses usos a padrões gestuais distintos: os literais apresentam configurações gestuais prototípicas de dêixis (gestos de apontar), enquanto usos metafóricos mostram a prevalência de outros modos de representação gestual.

Palavras-chave: dêixis; metáfora conceitual; multimodalidade.

ABSTRACT

This paper aims to investigate literal and metaphorical uses (LAKOFF & JOHNSON, 1980) of the locative deictics “aí” and “lá” in spoken Brazilian Portuguese verbal and multimodal data. The research combines qualitative and quantitative methods in order to analyse verbal data, collected from the *Grupo de Estudos Discurso & Gramática’s corpus*, and multimodal data, collected from the *Distributed Little Red Hen Lab’s corpus*. The results confirm the occurrence of different types of deictic use in speech and the correlation of these uses to distinct gestural patterns: literal uses present more prototypical deictic gestural configurations (pointing gestures), while metaphorical uses show a prevalence of other modes of gestural representation.

Keywords: deixis; conceptual metaphor; multimodality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	9
2.1 Metáforas da vida cotidiana	9
2.1.1 Realismo experiencialista	11
2.1.2 A âncora do nosso sistema conceptual	12
2.2 Críticas à teoria e a contribuição dos estudos de gesto	13
2.3 Definição de “gesto”	14
3. METODOLOGIA	16
3.1 Origem dos dados	16
3.2 Objetivos e hipóteses	18
3.2.1 Análise dos gestos: ELAN, LASG e MIG-G	18
4. ANÁLISE	21
4.1 Dados verbais	21
4.2 Dados multimodais	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as áreas de pesquisa em Linguística Cognitiva (LC) e em estudos de gesto têm se aproximado com o estabelecimento de um interesse mútuo e crescente (CIENKI, 2016). Dessa inter-relação, um dos tópicos que mais se destacam dentro do aporte teórico da LC é a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por George Lakoff e Mark Johnson em sua famosa obra *Metaphors we live by* (1980). Com efeito, desde o final do século 20, vimos um aumento exponencial de pesquisas a demonstrarem que gestos espontâneos concomitantes à produção verbal podem constituir, também, expressões metafóricas (CIENKI & MÜLLER, 2008).

Para entender essa ligação, consideremos o seguinte: entre os princípios basilares da Teoria da Metáfora Conceptual está a noção de que “our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature” (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 3). A teoria aponta que esse sistema conceptual estabelece projeções entre domínios cognitivos: um domínio-fonte, concreto; e um domínio-alvo, abstrato. Deriva-se daí a metáfora, por exemplo, TEMPO É ESPAÇO, em que “tempo” constitui o domínio-alvo conceptualizado em termos de “espaço”, o domínio-fonte.

Ora, se partimos da noção de que a metáfora é a base e permite a projeção entre domínios dentro do nosso sistema conceptual ordinário, palavras seriam apenas *uma* das formas em que essa projeção se expressaria; os gestos, outra. Ao ter isso em vista, nos propomos nesta pesquisa a descrever os usos prototípicos e não prototípicos dos dêiticos locativos “aí” e “lá” em dados verbais e multimodais do português brasileiro falado, correlacionando gesto e fala na investigação de possíveis padrões associados a cada tipo de uso. Para tanto, também adotamos como base estudos recentes sobre multimodalidade — principalmente com foco em gesto e conceptualização (KENDON, 2004; AVELAR & PINHEIRO, 2017; AVELAR & FERRARI, 2017) e gesto e metáfora (CIENKI, 1998a; CIENKI & MÜLLER, 2008). Os dados verbais foram extraídos de transcrições disponíveis na plataforma on-line do *Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, enquanto os dados em vídeo foram retirados da estação brasileira do *Distributed Little Red Hen Lab*, um laboratório global para pesquisa em comunicação multimodal, que apresentaremos mais adiante.

A fim de esclarecer nosso objeto nesta pesquisa, é importante mencionar que dêixis, termo técnico de origem grega, significa “apontar” ou “indicar”; dessa forma, qualquer

expressão linguística que tenha essa finalidade constitui uma expressão dêitica. Aspecto relevante no que diz respeito a dêixis, a sua referência necessariamente está vinculada, então, ao contexto e à intenção do falante — considerado o “centro dêítico”. Neste primeiro momento, para entender sua complexidade, consideremos a instância da dêixis pessoal, que opera basicamente em três partes: primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa. Como destaca Yule (1996), em muitas línguas essas categorias funcionam como “dêixis social” na indicação do status das pessoas do discurso. Manifestações dessa especificidade codificada em dêixis podemos encontrar no francês, língua na qual marcações de familiaridade e não familiaridade se expressam no uso do “tu” ou do “vous”; assim como no alemão, com “du” ou “Sie”; e no espanhol, com “tú” ou “usted”. A escolha entre essas formas, portanto, vai comunicar a perspectiva do falante sobre sua relação com o ouvinte. Por exemplo: “usted”, em espanhol, é historicamente associada a uma forma que indica terceira pessoa, fora da dinâmica interacional do “yo-tú” — ou seja, mais distante. Sendo assim, seu uso para se referir à segunda pessoa é um modo de indicar distância social, ou não familiaridade (p. 10-11).

No presente trabalho, enfocamos a dêixis *espacial*, na qual esse conceito de distância naturalmente assume uma relevância destacada; o dêítico “aí”, tipicamente utilizado para indicar um lugar próximo do ouvinte, e o “lá”, usado para apontar um local distante do falante e do ouvinte. É importante mencionar que, como vimos no caso da dêixis pessoal, ao considerarmos a dêixis espacial também precisamos lembrar que a localização, na perspectiva do falante, pode ser estabelecida tanto fisicamente quanto mentalmente — noção que voltaremos a explorar em nossa análise.

No que concerne a gestos que acompanham usos dêíticos, de acordo com Avelar & Ferrari (2017),

[e]m contextos multimodais, as expressões dêíticas são frequentemente associadas aos gestos de apontar, uma vez que, em última análise, essas são as “ações não linguísticas” responsáveis pelo estabelecimento da inter-relação referencial entre o enunciado e as circunstâncias espaço-temporais de sua ocorrência (p. 75).

Esses “gestos de apontar”, na perspectiva de Kendon (2004)¹, possuem um padrão comum de realização, que pode ser sintetizado como um movimento em linha reta, em uma

¹ Em resumo, os tipos de “gestos de apontar” propostos por Kendon (2004) são: Dedo Indicador Estendido Neutro (palma vertical); Dedo Indicador Estendido Pronado (palma para baixo); Polegar; Mão Aberta Neutra; Mão Aberta Supinada (palma para cima); Mão Aberta Oblíqua (palma oblíqua); Mão Aberta Pronada (palma para fora).

direção específica com um alvo específico. É importante salientar, assim, que ao falar em usos prototípicos da dêixis espacial compreendemos especificamente sua função locativa, e, gestualmente, as combinações características desse tipo de uso, ao passo que usos não prototípicos manifestariam extensões metafóricas do seu significado central — que, a depender da metáfora em questão, assumiriam outras formatações gestuais, como estudos recentes do português brasileiro têm demonstrado (AVELAR & PINHEIRO, 2017). Essas extensões metafóricas, desse modo, constituiriam uma utilização abstrata dos dêiticos, isto é, não indicariam uma localização no espaço físico, mas a localização metafórica de pessoas, ideias e objetos.

O resultado a que chegamos na análise dos dados de fala nos permitiu confirmar a ocorrência desses diferentes tipos de uso (definidos como literal e não literal, esse último desdobrado em metafórico e metafórico-discursivo) dos dêiticos locativos. Os dados em vídeo, por sua vez, corroboraram a hipótese de que os diferentes tipos de uso se relacionam a padrões gestuais distintos: usos literais do “aí” e do “lá” tenderam a vir acompanhados de gestos de apontar mais prototípicos, enquanto usos não literais apresentaram mais gestos não prototípicos, ou seja, uma maior variabilidade gestual dependendo da metáfora e/ou do encadeamento discursivo em questão.

A estrutura do nosso trabalho se organiza em cinco principais divisões, com subseções específicas: esta introdução; a seção dos pressupostos teóricos, na qual apresentamos a base da pesquisa com o delineamento, em subseções, de conceitos fundamentais que norteiam nossa análise; a metodologia, na qual dedicamos uma atenção especial à explicitação dos procedimentos de análise dos dados multimodais; a seção de análise, na qual discutimos os dados verbais e audiovisuais; e nossas considerações finais.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Metáforas da vida cotidiana

Considerado tema de central interesse por Lakoff & Johnson (1980) para uma explicação adequada sobre questões de construção de significado e compreensão, a metáfora teve a sua relevância transformada nos estudos da linguagem a partir do final do último século, quando *Metaphors we live by* veio à público. A proposta dos autores nessa obra buscava repensar, com base em evidências linguísticas, a posição histórica destinada à metáfora tanto nos

estudos da linguagem como nos estudos filosóficos. Tradicionalmente, no campo linguístico ela vinha sendo enxergada como assunto de interesse secundário, haja vista ser considerada mais um recurso de estilo, marcadamente presente na criação poético-artística, e, portanto, “afastada” do cotidiano. No campo filosófico, a metáfora era tipicamente concebida como “mera linguagem”, de modo que seu espaço na reflexão sobre a forma como compreendemos o mundo e nós mesmos, se existia, era limitadíssimo.

Nesse sentido, o desafio que se punha no caminho de um estudo aprofundado sobre o papel da metáfora na construção do significado era o fato de ela ser compreendida, pela sua posição pré-determinada exclusivamente ao âmbito das artes, como uma questão relacionada apenas à linguagem — e mais precisamente, à retórica e à literatura, desconectada, por assim dizer, do pensamento e ação humanos no dia a dia. Na busca por contrapor essa noção, a partir da percepção cognitivista resumida na célebre afirmação chomskyana de que “a linguagem é o espelho da mente” — e que, assim sendo, a comunicação humana tem base no mesmo sistema conceptual que utilizamos para pensar e agir —, a língua foi para Lakoff & Johnson (1980) uma importante fonte na investigação sobre como esse sistema funciona de modo amplo, especialmente no que concerne à construção do significado. Os autores se lançaram a essa busca com base na hipótese que apontamos no início do parágrafo anterior: a de que a metáfora, longe de ter apenas uma função vista como “secundária” na língua, era, na verdade, uma chave para entendermos como concebemos o mundo ao nosso redor. O que encontraram, então, foi uma presença tão constante e tão contumaz da metáfora em nosso dia a dia que, por vezes, pode ser difícil enxergá-la em expressões como “o tempo passou rápido” (metáfora ontológica que compreende o tempo como *uma entidade* que se desloca no espaço) ou “veremos isso lá adiante, no próximo ano” (metáfora orientacional que concebe o futuro como *um lugar* à frente do ego). Esses usos, entretanto, demonstram sua função estruturante sobre como percebemos, pensamos e agimos no mundo.

Um exemplo clássico apresentado pelos autores é a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Expressões como “he *attacked every weak point* in my argument” (em português, “ele atacou cada ponto fraco do meu argumento”) e “your claims are *indenfensible*” (“suas alegações são indefensáveis”) ilustram bem essa metáfora na linguagem cotidiana. Lakoff & Johnson (1980) vão além e destacam que não apenas *falamos* sobre discussões em termos de guerra, mas frequentemente *agimos* como se fossem: é possível ganhar ou perder uma discussão; a pessoa com quem discutimos é vista como um adversário; nós atacamos suas posições, ao

passo que defendemos as nossas; utilizamos estratégias de argumentação; se percebemos determinada posição como indefensável, podemos abandoná-la e assumir nova posição de ataque (1980, p. 4). Essa noção pode ser sistematizada como segue:

Domínio-fonte	Domínio-alvo
GUERRA	DISCUSSÃO
Adversários	Participantes
Posições opostas	Opiniões divergentes
Estratégia	Argumentação
Ataque	Insulto
Rendição	Desistência

Figura 1 — Metáfora DISCUSSÃO É GUERRA

Assim, seus achados abriram um vasto campo de investigação ao apontarem para a perspectiva de que, de fato, os processos de pensamento humanos são em larga escala processos metafóricos. As expressões linguísticas metafóricas, nesse sentido, seriam possíveis porque a natureza do nosso sistema conceptual ordinário é metafórica — noção que voltaremos a discutir adiante.

2.1.1 Realismo experiencialista

Um aspecto relevante a ser destacado na Teoria da Metáfora Conceptual, especialmente ao se considerar nosso interesse nesta pesquisa, é o chamado *experiential grounding*. Lakoff & Johnson (1980) propõem uma abordagem alternativa ao racionalismo objetivista: o experiencialismo, realismo corporificado ou realismo experiencialista. Ao se referirem ao “mito do objetivismo” (pp. 186-188), os autores citam a ideia de uma realidade objetiva que pode ser descrita de modo universalmente válido e imparcial, absoluto e independente de pontos de vista. A linguagem, nesse sentido, teria o papel de retratar o mundo “como ele é”, de maneira clara e direta, assumindo-se o significado como algo objetivamente dado. Como o objetivismo possui força preponderante no pensamento ocidental, a metáfora, por ser tradicionalmente relacionada apenas à linguagem figurativa, era vista como expressão “imprecisa” ou “imprópria” da língua e, portanto, encarada com desconfiança na investigação científica — o que Lakoff & Johnson definem como “medo do subjetivismo”

(1980, p. 191). Ao apresentarem o conceito de realismo experiencialista como alternativa, os autores explicam:

We have argued that truth is always relative to a conceptual system, that any human conceptual system is mostly metaphorical in nature, and that, therefore, there is no fully objective, unconditional, or absolute truth. (...) We reject the objectivist view that there is absolute and unconditional truth without adopting the subjectivity of truth as obtainable only through imagination, unconstrained by external circumstances. The reason we have focused so much on metaphor is that it unites reason and imagination² (1980, pp. 192-193).

Longe de negar a existência do mundo físico e objetivo, o que os autores defendem é que nosso acesso a ele se dá necessariamente pelo nosso sistema conceptual — que, por sua vez, é ancorado em nossa experiência. Em outras palavras, “dada a forma e configuração de nossos corpos e cérebros, estabelecemos necessariamente uma perspectiva particular entre várias perspectivas possíveis e igualmente viáveis em relação ao mundo” (FERRARI, 2018, p. 22). A mente humana, desse modo, não é vista como autônoma, mas corporificada, vinculada a essa experiência — inclusive culturalmente —, o que se opõe a uma abordagem computacional da mente e da linguagem.

O realismo experiencialista permite, assim, uma ponte entre os extremos do objetivismo e do subjetivismo, ao passo que salienta a metáfora como ponto fundamental de união entre razão e imaginação: a razão envolve categorização, articulação e inferência; a imaginação, por sua vez, envolve ver uma determinada coisa em termos de outra, o que os autores definem como “pensamento metafórico”. Nesse sentido, a metáfora é uma *racionalidade imaginativa*: nos conceitos não diretamente ancorados em nossa experiência física, os processos metafóricos entram em cena e permitem, na articulação entre domínios cognitivos, uma concepção do mundo para além da literal.

2.1.2 A âncora do nosso sistema conceptual

Observamos, na subseção anterior, a importância da experiência corporal na forma como apreendemos o mundo, e encerramos o parágrafo final mencionando os “conceitos não diretamente ancorados em nossa experiência física”. Nesta subseção, damos ênfase a esse

² “Argumentamos que a verdade é sempre relativa a um sistema conceptual, que qualquer sistema conceptual humano é, em grande parte, metafórico por natureza e, portanto, que não há verdade inteiramente objetiva, incondicional e absoluta. (...) Rejeitamos a concepção objetivista de uma verdade absoluta e incondicional, sem adotar a alternativa subjetivista de verdade obtida apenas por meio da imaginação não restringida por circunstâncias externas. A razão de focalizarmos tanto nossa atenção sobre a metáfora é que ela une razão e imaginação.”

ponto — sua relevância para a compreensão dos nossos objetivos e hipóteses nesta pesquisa, indicados na próxima seção, fica clara ao considerarmos o desdobramento da seguinte questão levantada por Lakoff & Johnson (1980, p. 156): se a maior parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturada, se grande parte dos conceitos são compreendidos parcialmente em termos de outros conceitos, existiriam conceitos que seriam compreendidos diretamente, sem necessidade de metáfora?

De acordo com os autores, entre os principais candidatos para o posto de conceitos que são entendidos diretamente estão os conceitos espaciais. Noções como “para cima”, “para baixo”, “frente”, “trás”, “dentro”, “fora”, “perto” e “longe” surgem diretamente da nossa experiência física no cotidiano. Em suas palavras, “the structure of our spatial concepts emerges from our constant spatial experience, that is, our interaction with the physical environment” (1980, p. 56-57). Tipicamente, conceptualizamos o que não é físico *em termos* do que é físico. Esse ponto é importante porque, como vimos na introdução deste trabalho, em nossa pesquisa investigamos justamente o uso de dêiticos que envolvem conceitos espaciais — os locativos “aí” e “lá”. Como nossos sistemas perceptual e motor nos permitem uma estrutura bem delineada do conceito de espaço, as metáforas que têm esse domínio cognitivo como fonte permitiriam uma compreensão mais clara de conceitos abstratos ao concebê-los nesses termos, o que se refletiria em usos metafóricos dos dêiticos, não apenas literais.

2.2 Críticas à teoria e a contribuição dos estudos de gesto

Na subseção 2.1, apresentamos a noção de que, na hipótese da Teoria da Metáfora Conceptual, as expressões linguísticas metafóricas seriam possíveis porque a natureza do nosso sistema conceptual é, em grande parte, metafórica. Uma das críticas à teoria, entretanto, aponta essa noção como fundamentada em uma lógica circular, na qual se argumenta que expressões verbais metafóricas são evidência de metáforas conceptuais, e que se sabe disso porque observamos metáforas conceptuais em expressões verbais metafóricas (CIENKI, 1998a, p. 190). Outro ponto criticado indicava a falta de evidência empírica para sustentá-la, haja vista que os exemplos apresentados por Lakoff & Johnson (1980), apesar de intuitivamente plausíveis, eram criados pelos autores, não extraídos de produções naturais de falantes “na vida real”.

Pensando nisso, os estudos de gesto apresentam uma solução para ambas as questões, pois gestos espontâneos, realizados simultaneamente à língua em uso, se colocam tanto como evidência empírica quanto como uma fonte independente para se argumentar a favor da realidade psicológica das metáforas conceituais (CIENKI & MÜLLER, 2008, p. 16). Gestos que representam uma informação não expressa de outra forma, por exemplo, podem corroborar a noção de que metáforas conceituais são fenômenos cognitivos independentes de qualquer expressão linguística particular (LANGACKER, 2008, p. 249). E de fato, pesquisas recentes sobre gesto têm sustentado não só a visão da metáfora como um fenômeno cognitivo como também a noção de mente corporificada, na qual até mesmo pensamentos abstratos se mostram, pelos gestos, ancorados na experiência corporal.

Antes de prosseguir, no entanto, é necessário esclarecer as seguintes questões: o que compreendemos, exatamente, como um “gesto”? E um “gesto metafórico”?

2.3 Definição de “gesto”

De acordo com Cienki (2008), a palavra “gesto” pode fazer referência a qualquer movimento corporal intencional. Nosso interesse aqui, todavia, são os gestos produzidos com as mãos, especificamente gestos realizados voluntariamente e sem função adaptadora — como, por exemplo, o movimento de ajustar os óculos no rosto. Com esse recorte em mente, podemos pensar os gestos como constituídos de três fases: a preparação, o golpe e a retração, sendo a fase do golpe o elemento central no que concerne à análise de sua função. Em outras palavras, “[s]emantically, it is the content-bearing part of the gesture” (MCNEILL *apud* CIENKI, 2008, p. 6).

Figura 2 — Preparação, golpe e retração. As fases do gesto.
Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



Esses gestos espontâneos, realizados simultaneamente à produção verbal, dependem do contexto e da intenção do falante para serem analisados em profundidade — ou seja, seu significado não é pré-determinado. Dessa forma, eles se apresentam como uma janela interessante para a investigação dos processos de formulação do pensamento em um nível além do consciente (MCNEILL *apud* MÜLLER, 2008, p. 221).

Já no que diz respeito à sua classificação, adotamos aqui a proposta por Müller (1998 *apud* CIENKI, 2008, p. 8), que contempla:

- (i) Gestos discursivos, que estruturam um enunciado (como batidas para dar ênfase ou contar os pontos lógicos de um argumento nos dedos);
- (ii) Gestos performativos, que encenam atos de fala (como dispensar uma oferta ou uma ideia “varrendo-a” para fora com as mãos, ou pedir algo com a mão aberta, palma para cima);
- (iii) Gestos referenciais, que podem se referir a algo concreto ou abstrato.

Nosso interesse enfoca a terceira categoria — os gestos referenciais. De modo geral, essa referência, segundo Cienki (2013 *apud* PINHEIRO, 2017), tanto pode ser apontada (portanto, em um ato prototípico da função dêitica) quanto expressa por diferentes modos de representação gestual, quais sejam: “encenar”, “corporificar”, “segurar/moldar” e “desenhar”. Tais modos de representação gestual envolvem, respectivamente

(i) Reencenar uma ação a qual se poderia normalmente fazer com a as mãos, tal como: segurar a mão e movimentá-la horizontalmente como se segurasse uma caneta e escrevesse; (ii) utilizar a(s) mão(s) para representar uma entidade pela substituição dela e, assim, corporificá-la, como quando alguém segura a mão próxima ao ouvido com os três dedos médios curvados, o polegar estendido para cima, e o dedo mindinho para baixo, com o objetivo de representar um aparelho telefônico; (iii) colocar as mãos ou os dedos de um modo como se segurasse ou ficasse próximo a duas ou três formas dimensionais (representação adjacente), tal como se um observador pudesse inferir o formato das suas mãos ou das mãos de alguém a partir do contorno (LEYTON, 1992, p. 121), ex.: como se levantasse uma tigela no ar; (iv) movimentar as mãos traçando uma forma, mesmo de forma bidimensional com a ponta do dedo, ou tridimensional com maior parte da mão, especialmente incluindo a palma, essencialmente desenhada no ar; desse modo, um observador pode recuperar o formato a partir do movimento da representação (CIENKI *apud* PINHEIRO, 2017, p. 74).

É importante destacar, contudo, que os gestos são produzidos no espaço físico — portanto, mesmo referências gestuais em contextos menos prototípicos (conceptualização abstrata/metafórica) têm fundamento em formas gestuais físicas, que por sua vez são

relativas ao movimento e à localização espacial em que os gestos são produzidos. Sintetizando em outros termos, “mesmo as referências abstratas são fundamentadas com gestos produzidos no espaço físico concreto” (PINHEIRO, 2017, p. 85).

Por fim, ao aplicar a Teoria da Metáfora Conceptual em estudos de gesto, uma noção chave que se deve levar em conta é que sua descrição, como vimos, envolve necessariamente a interpretação da projeção entre domínios, já discutida aqui. Um exemplo apresentado por Cienki (2008, p. 7), que ilustra bem essa questão, expressa a conhecida metáfora do conduto (IDEIAS SÃO OBJETOS; EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES; COMUNICAR É ENVIAR), na medida em que as mãos dos falantes apresentados são formatadas, no decorrer do discurso, como se segurassem ou apoiassem um objeto (frequentemente com a palma para cima e a mão parcialmente aberta). Tal formatação aparecia em contextos cujas referências eram noções abstratas, como uma discussão sobre gêneros textuais narrativos. O autor argumenta, então, que esses gestos caracterizam o domínio-fonte da metáfora (segurar, como se fossem objetos, as ideias), ao passo que as palavras contêm o domínio-alvo (os gêneros textuais narrativos). Essa é uma das possibilidades de relação da metáfora entre gestos e língua falada; outra, inclui a expressão da mesma conceptualização tanto nas palavras quanto nos gestos, ao mesmo tempo, como veremos adiante em nossa análise.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, detalhando os *corpora* dos quais coletamos os dados verbais e multimodais, bem como os objetivos, hipóteses e tipo de análise.

3.1 Origem dos dados

A fim de realizar a investigação a que nos propomos neste trabalho, coletamos os dados verbais e multimodais de dois bancos diferentes. O primeiro se encontra disponível na plataforma online do *Grupo de Estudos Discurso & Gramática*



(D&G)³, fundado em 1991, no Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por Sebastião Josué Votre (UFRJ). Os integrantes do grupo organizaram e disponibilizaram vastas amostras de língua falada e escrita com a participação de informantes de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. Os dados utilizados na análise deste trabalho compõem o *corpus* de língua falada, com ênfase nas amostras transcritas de entrevistados da cidade do Rio de Janeiro. Destas, selecionamos 150 (cento e cinquenta) dados verbais com ocorrência dos dêiticos locativos “aí” e “lá”, sendo 75 (setenta e cinco) de cada.

O segundo *corpus* foi disponibilizado pelo *Distributed Little Red Hen Lab*, um laboratório global, hospedado no site da *University of California, Los Angeles (UCLA Library)*, e codirigido por Francis Steen (*UCLA*) e Mark Turner (*Case Western Reserve University*), que comporta centenas de dados on-line em diferentes línguas para pesquisa em comunicação multimodal (<http://redhenlab.org>):



<http://redhenlab.org>

No Brasil, o projeto é coordenado por Lilian Ferrari (UFRJ), Maíra Avelar (UESB) e Tiago Torrent (UFJF). Para análise, coletamos 60 (sessenta) dados em português da estação

³ <<https://discursoegramaticablog.wordpress.com/corpus/>> (acesso em 19 de abril de 2019)

brasileira, que reúne programas jornalísticos e *talk-shows* exibidos no país. Foram selecionadas 30 (trinta) amostras de uso do dêitico locativo “aí” e outras 30 do dêitico “lá”.

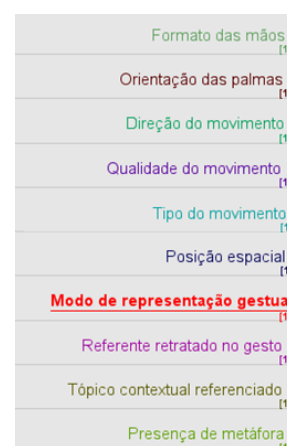
3.2 Objetivos e hipóteses

Nesta pesquisa, tivemos como principais objetivos (i) descrever os diferentes usos dos dêiticos locativos investigados nos dados de fala e (ii) relacionar os tipos de uso distintos dos dêiticos a padrões gestuais em dados multimodais. A partir desses objetivos, estabelecemos as hipóteses de que (i) os dêiticos locativos apresentam usos literais e metafóricos e que (ii) os usos literais e metafóricos dos dêiticos relacionam-se a padrões gestuais diferentes.

A análise, por sua vez, teve caráter qualitativo e quantitativo: inicialmente, mapeamos os dêiticos locativos em transcrições de dados de fala do D&G; em seguida, os classificamos e quantificamos, a partir de análise comparativa e de tratamento estatístico para cálculo de frequência. Na segunda etapa, identificamos os usos dos dêiticos em dados multimodais disponibilizados pelo *Distributed Little Red Hen Lab*, os quais igualmente foram analisados, classificados e quantificados, com o auxílio de um software de anotação para arquivos audiovisuais, o ELAN, que apresentaremos na próxima subseção.

3.2.1 Análise dos gestos: ELAN, LASG e MIG-G

Para analisar os dados em vídeo disponibilizados pelo *Distributed Little Red Hen Lab*, utilizamos o ELAN⁴, um software que permite a análise complexa desses arquivos ao possibilitar a criação de um número ilimitado de anotações textuais neles. De acordo com seus desenvolvedores, essas anotações podem ser “uma frase, palavra ou explicação, um comentário, tradução ou descrição de qualquer característica observada na mídia”⁵, organizadas em múltiplas camadas, que chamaremos aqui de “trilhas” (ao lado). Um



Formato das mãos	[1]
Orientação das palmas	[1]
Direção do movimento	[1]
Qualidade do movimento	[1]
Tipo do movimento	[1]
Posição espacial	[1]
Modo de representação gestual	[1]
Referente retratado no gesto	[1]
Tópico contextual referenciado	[1]
Presença de metáfora	[1]

⁴ <<https://archive.mpi.nl/tla/elan>>

⁵ Em inglês, “a sentence, word or gloss, a comment, translation or a description of any feature observed in the media”.

ponto importante dessa ferramenta no que concerne à nossa investigação é a possibilidade de a anotação estar alinhada a um recorte de tempo no vídeo — o que se provou muito útil para nossa análise, na medida em que a criação das trilhas foi vinculada ao momento da ocorrência da excursão gestual em questão.

Metodologicamente, para análise dos gestos, adotamos os parâmetros propostos por Bresse et al. (2013) no Sistema Linguístico de Notação Gestual (em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures*, LASG) e as Orientações para a Análise de Metáfora nos Gestos (em inglês, *Metaphor Identification Guidelines for Gesture*, MIG-G), apresentadas por Cienki (2017). O LASG enfoca a descrição da forma dos gestos; as orientações descritas por Cienki, a seu turno, abarcam o LASG, mas têm como finalidade específica permitir a identificação tanto de metáforas quanto de ocorrências não metafóricas nos gestos, como veremos a seguir.

No LASG, Bresse et al. propõem quatro parâmetros para a análise gestual: formato das mãos; orientação das palmas; direção, qualidade e tipo do movimento; e posição espacial do gesto. Nesse sistema, a base é uma abordagem linguístico-semiótica dos gestos, ou seja, fala e gesto são entendidos como indissociáveis e, portanto, a língua é vista sob uma perspectiva multimodal. No entanto, é necessário mencionar que a proposta das autoras é a de um processo analítico em etapas: primeiramente, os gestos são analisados independentemente da fala; só depois a análise conjunta ocorre. Esse procedimento visa a assegurar a análise da forma e função dos gestos *per se*, sem influência da fala em um primeiro momento.

A seguir, apresentamos os quadros elaborados por Pinheiro (2017), que correspondem a uma síntese dos parâmetros propostos por Bresse et al. (2013) utilizados nesta pesquisa.

Quatro categorias básicas da configuração de mão	For basic categories of hand configuration
Punho	Fist
Mão estendida	Flat hand
Dedos individuais	Single fingers
Combinação de dedos	Combinations of fingers
Configurações dos seis formatos de dedos	Configuration of the six shapes of the digits
Esticado	Stretched
Flexionado	Bent
Torto	Crooked
Flexionado para baixo	Flapped down
Conectado	Connected
Tocando	Touching

Quadro 1
Formato das mãos
(PINHEIRO, 2017, p. 99)

Quatro ângulos básicos da orientação das palmas	Four basic angles of the palm's orientation
Palma para cima	Palm up
Palma para baixo	Palm down
Palma lateral	Palm lateral
Palma vertical	Palm vertical
Quatro tipos de orientação considerando o espaço gestual	For types of orientation considering the gesture space
Em direção ao centro	Towards center
Para fora do corpo	Away Center
Em direção ao corpo	Towards body
Distante do corpo	Away body

Quadro 2
Orientação das palmas (PINHEIRO, 2017, p. 102)

Tipos de movimento	Movements types
Tipos básicos de movimento	Basic movements types
Movimento reto	Straight movement
Movimento arqueado	Arced movement
Círculo	Circle
Espiral	Spiral
<i>Zigzag</i>	<i>Zigzag</i>
Linha-s	S-line
Tipos de movimento de pulso	Types of movement for wrist
Flexionado	Bending to pulls
Levantado	Raising
Flexionado para 1	Bending to 1
Flexionado para 5	Bending to 5
Rotacional	Rotation
Direção do movimento	Direction of movement
Movimentos ao longo do eixo horizontal (esquerda e direita, conforme a perspectiva do gesticulador)	movements along the horizontal axis (right and left, regarded from the perspective of the gesturer)
Movimentos ao longo do eixo vertical (para cima e para baixo)	Movements along the vertical axis (up and down)
Movimentos ao longo do eixo sagital (em direção ao corpo e para fora do corpo)	Movements along the sagittal axis (away from body and towards body)
Suplementar diagonal (combina as direções de movimento mencionadas anteriormente)	Additional diagonal (combine the direction of movement already mentioned)
Qualidade do movimento	Quality of movement
Tamanho (reduzido ou expandido)	Size (reduced or enlarged)
Velocidade (desacelerada, acelerada)	Speed (decelerated, accelerated)
Fluxo do movimento (fraco ou acentuado)	Flow of movement (accentuated)

Quadro 3
Movimento (PINHEIRO, 2017, p. 106)

Quatro setores básicos do espaço gestual (McNeill, 1992)	Four basic sectors of the gesture space (McNeill, 1992)
Centro-centro	Center-center
Centro	Center
Periferia	Periphery
Periferias externas	Extreme Periphery
Que são diferenciadas posteriormente de acordo com as propriedades: superior, inferior, esquerda e direita. (ex: periferia superior direita)	Which are further differentiate according the features: upper, lower, right and left (ex: periphery upper right)
Quatro dimensões do espaço gestual (Fricke, 2005, 2007)	Four dimensions for gesture space (Fricke, 2005, 2007)
0 = próprio corpo do falante	(i) 0 = speaker's own body
1 = distância próxima do corpo	1 = close distance to the body
2 = distância média do corpo	2 = middle distance from the body
3 = distância longa do corpo	3 = far distance from the body

Quadro 4
Posição espacial (PINHEIRO, 2017, p. 108)

Já as Orientações para a Análise de Metáfora nos Gestos, propostas por Cienki (2017), são descritas pelo autor em sete passos, a saber:

1. Identify the gesture strokes.
2. Describe the four form features of each stroke.
3. Identify if the gesture serves any referential function. If so,
4. Identify the mode(s) of representation.
5. Identify the physical referent(s) depicted in the gesture(s) (the potential source domain).
6. Identify the contextual topic being referenced (the potential target domain).
7. Is the topic being identified via a resemblance in experience to the referent depicted via the gesture? If so, the gesture can be identified as metaphorically used via the mapping that the topic [This Target Domain] is being linkened to the referent depicted [This Source Domain]⁶ (p. 136).

Como se percebe, os dois primeiros passos têm estreita ligação com os parâmetros propostos por Bressemer et al. (2013), que vimos anteriormente. A partir da análise da forma gestual, as orientações de Cienki permitem um passo a passo metodológico para identificação da metáfora em determinado gesto. Nesse sentido, na segunda etapa da observação (isto é, após a descrição da forma gestual), o autor orienta uma análise conjunta de gesto e fala, para interpretação, a começar pela identificação (3) da função referencial (ou não) do gesto; na sequência, (4) do seu modo de representação; (5) do referente retratado; e (6) do tópico contextual em questão, para finalmente (7) definir-se a presença ou não de metáfora.

Com esses esclarecimentos quanto aos procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, passemos agora aos resultados a que chegamos e à discussão da análise dos dados.

4. ANÁLISE

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados verbais, retirados do *corpus* D&G, e dos dados multimodais, disponibilizados na plataforma on-line do laboratório global *Distributed Little Red Hen*.

4.1 Dados verbais

No primeiro momento da pesquisa, mapeamos, do banco de dados disponível na plataforma do D&G, um total de 150 amostras de uso dos dêiticos locativos “aí” (75) e “lá”

⁶ “1. Identifique os golpes gestuais. 2. Descreva as formas características de cada golpe. 3. Identifique se o gesto atende a alguma função referencial. Se sim, 4. Identifique o(s) modo(s) de representação. 5. Identifique o(s) referente(s) físico(s) retratado(s) no(s) gesto(s) (o potencial domínio-fonte). 6. Identifique o tópico contextual que está sendo referenciado (o potencial domínio-alvo). 7. O tópico foi identificado, por semelhança na experiência, ao referente retratado por meio do gesto? Se sim, o gesto pode ser identificado como utilizado metaforicamente por meio de uma projeção, na qual o tópico (domínio-alvo) está sendo conectado ao referente retratado (domínio-fonte).”

(75) no português brasileiro falado. A partir da análise dos usos, os classificamos em (i) usos literais, em que os dêiticos indicam espaços físicos; (ii) usos metafóricos, em que os dêiticos manifestam projeções conceptuais — ou seja, o conceito de espaço é usado como domínio-fonte da metáfora para estruturar outros domínios cognitivos; e (iii) usos metafórico-discursivos, em que os dêiticos atuam especificamente como ferramentas para organização de ideias e fatos em sequência temporal no fluxo discursivo. A tabela quantitativa geral a seguir apresenta as frequências relativas a cada uso:

DADOS VERBAIS				
Uso literal		Uso metafórico	Uso metafórico-discursivo	Total
AÍ	0	6 (8%)	69 (92%)	75
LÁ	65 (87%)	10 (13%)	0	75

Tabela 1 — Tipos de uso dos dêiticos locativos nos dados verbais

Percebemos uma grande predominância de usos metafórico-discursivos do dêitico locativo “aí”:

- (1) “(...) você se forma...⁷ **aí** você arruma um empreguinho aqui... **aí** você começa a ganhar bem... **aí** você para e fala assim ‘não... estou bem pra caramba...’ **aí**... fica naquilo a vida inteira... entendeu?” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)
- (2) “(...) fomos subindo a rua juntos que estava de noite... muito tarde... **aí** chegou na/ no final da rua praticamente ela virou pra mim e perguntou que horas eram... **aí** eu informei as horas a ela... acabei perguntando a ela se não tinha nada pra fazer... perguntei ‘pô... onde é que tem um lugar legal... pra se divertir aqui?’ ela virou pra mim e disse que:: não sabia...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)
- (3) “(...) a Jussara havia sido suspensa por... ter... respondido à diretora... **aí**... foi suspensa por um mês... só volta em agosto... ah... ele te disse que... a diretora havia entrado em sala... para dar uma bronca geral na turma... e que **aí**... ela... toda hora olhava pra diretora e começava a rir... **aí** a diretora perguntou a ela se... ela estava de verde... **aí** disse que a Jussara disse ‘não... você não está de verde... está apenas de

⁷ De acordo com o D&G, a base para a transcrição das falas foram os “critérios gerais de transcrição adotados pelo Projeto NURC/SP, com algumas adaptações em função da especificidade” do material. Dentro do quadro de marcações utilizadas, “...” representa qualquer tipo de pausa, ao passo que “::” representa qualquer alongamento e “/” o truncamento de sílaba e/ou quebra de sequência.

roxo... fica horrível de roxo...’ **aí** ela botou ela para fora de sala e deu suspensão...”
(D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)

Optamos por classificá-los em uma categoria própria porque, apesar de também expressarem metáforas, manifestam um tipo específico: nesses casos, a conceptualização da progressão temporal dos eventos relatados possui como domínio-fonte o conceito de espaço (TEMPO É ESPAÇO), mais especificamente o eixo trás-frente — ou esquerda-direita, que “se caracteriza como eixo de progressão simétrica (...) em conformidade com a direção da escrita no mundo ocidental” (AVELAR & PINHEIRO, 2017). Assim, à medida em que a narrativa dos eventos se desenvolve, o dêitico espacial aparece como uma ferramenta para organizar a sucessão lógico-temporal deles dentro do discurso. Nos casos de usos metafóricos não discursivos, por sua vez, identificamos ocorrências como:

(4) “(...) pessoal ficou conversando... falando... né? com ele... ‘qual o teu nome... amigo?’ pergun/ perguntando... né? Pedro perguntando pra ele ‘qual teu nome?’ ‘é Luiz Carlos...’ ‘você estuda Luiz Carlos?’ ‘estudo... estudo...’ ‘então... estuda bastante que você vai ficar rico um dia... estuda que é pra poder... trabalhar e ficar rico...’ ele ‘não... não vou ficar rico não... ficar rico não... é... quem vai ficar rico **aí** são vocês... vocês que são ricos **aí**...’ ‘que rico nada... rapaz... ninguém tem dinheiro aqui... ninguém está montado na grana... não...’ ‘ah... e o carrão parado lá no/ lá fora...’” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)

No exemplo acima, um grupo de jovens de classe média conversa com um menino que vendia flores em um bar no Rio de Janeiro. O menino, após os jovens orientarem que ele estude para “trabalhar e ficar rico”, diz: “quem vai ficar rico **aí** são vocês... vocês que são ricos **aí**...”. Identificamos, nesse uso do dêitico locativo, a metáfora CLASSE SOCIAL É LUGAR, que podemos observar em expressões como “posição social” também. O menino, ao perceber que os jovens pertenciam a uma classe social diferente da sua, marca essa distância com o uso do locativo “**aí**” — indicando a “riqueza” como mais próxima dos seus interlocutores do que de si, o que configura uma extensão metafórica do significado literal do dêitico. Vejamos outro exemplo:

(5) “(...) inclusive tinha uma garota na roda falando aqui assim... é... ‘você não vê **aí**...? já pensou se o mundo fosse’ é... ‘se... ficasse só as mulheres no mundo? ia ficar’ não

sei o quê... pa ra rá... é... dando a entender que ia ser melhor... dando a entender que... que ia ser mais fácil... etc.... entendeu?” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)

Nesse exemplo, identificamos a manifestação da metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS, na medida em que o argumento utilizado pelo falante (noção abstrata) é apontado como um objeto concreto, visível no lugar onde o interlocutor se encontra: “você não vê aí...?”.

Com relação aos usos literais, não houve exemplos do dêitico “aí” nos dados. É possível que esse tipo de uso não tenha ocorrido em função da natureza do *corpus*, que é composto por entrevistas que suscitavam diferentes tipos de relatos (narrativa de experiência pessoal; narrativa recontada; descrição de local; relato de procedimento; e relato de opinião). Já com relação ao dêitico “lá”, não observamos usos metafórico-discursivos, mas apenas usos literais e metafóricos.

Passemos agora para a análise de alguns exemplos desses usos. Nos literais, mais frequentes, o dêitico atua em sua função locativa, indicando um lugar no espaço físico:

(6) “(...) eu queria... vim pra escola... mas só que eu estava **lá** em Vassouras...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)

(7) “(...) vou começar a história... contando quando minha mãe foi embora... de **lá** de casa...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)

(8) “(...) ele conheceu um... um cara **lá** em Friburgo... que roubaram o carro dele... há pouco tempo aqui em Fri/ aqui no Rio... na Glória...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)

Como podemos observar, no exemplo (6) o dêitico locativo indica o espaço geográfico que compreende o município de Vassouras, no estado do Rio de Janeiro; já em (7), indica o local em que o falante mora, sua casa; e em (8), o espaço geográfico que abarca o município de Friburgo, também no estado do Rio de Janeiro, que se diferencia do “aqui no Rio... na Glória”, lugar compartilhado tanto pelo falante — o centro dêitico a partir do qual a referência se dá — quanto pelo interlocutor (o entrevistador), em uma utilização prototípica do dêitico “lá” como indicador de um local físico distante do falante e do ouvinte.

Quanto aos usos metafóricos, o conceito de “espaço distante” do falante e do ouvinte aparece para estruturar a concepção de noções mais abstratas:

- (9) “(...) ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era uma doença **lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ é... fazer uma cirurgia...” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 1)
- (10) “(...) eu sei é pintar casa... aprendi com meu pai... a gente vai... vai... primeiro a gente pega lixa... aquelas lixa grossa... e lixa a parede... pega aquela... é... aquela massa... depois que lixou tudinho que está/ que tiver tudo certinho... aquela massa branca... é argamassa... sei **lá**... é massa de emassar... aquela massa branca” (D&G, *corpus* Rio de Janeiro 2)

Nesses exemplos, identificamos a metáfora INDEFINIÇÃO CONCEPTUAL É LUGAR DISTANTE. Como as informações mencionadas pelos falantes não são definidas — a doença em questão e o nome do material indicado —, essa imprecisão foi marcada tendo como base o conceito de “longe” do falante e do ouvinte — “uma doença lá”; “sei lá” —, portanto, um lugar mais difícil de ser acessado de imediato ou mais longe do campo de visão e, por consequência, de conhecimento dos interlocutores.

Tendo em vista que os usos dos dêiticos locativos identificados nos dados do *corpus* do D&G puderam ser classificados em literais e não literais, o objetivo seguinte da pesquisa foi relacionar os diferentes tipos de uso a padrões gestuais em dados multimodais, cuja análise discutiremos na próxima subseção.

4.2 Dados multimodais

Nesta segunda etapa da pesquisa, coletamos os dados multimodais a partir do *corpus* disponibilizado pelo *Distributed Little Red Hen Lab*. Analisamos 60 amostras de uso, e pudemos classificá-las igualmente em uso literal, metafórico e metafórico-discursivo. Dessas amostras, 30 são dados de uso do dêitico locativo “aí” (10 literais, 10 metafóricos e 10 metafórico-discursivos) e 30 dados de uso do dêitico “lá” (15 literais e 15 metafóricos). Uma diferença nas ocorrências entre os dois *corpora* é a presença, nos dados multimodais, de usos literais do dêitico locativo “aí”, que analisaremos adiante.

A partir da base metodológica das Orientações para a Análise de Metáfora nos Gestos (CIENKI, 2017) citadas na seção anterior, com o auxílio do software ELAN, buscamos observar e descrever, correlacionado gesto e fala, os padrões gestuais associados a cada tipo de uso. Nas tabelas a seguir, vemos que em usos literais há predominância de gestos de

apontar prototípicos dos dêiticos, ao passo que em usos metafóricos observamos outros modos de representação gestual como prevalentes.

GESTOS EM USOS LITERAIS			
Apontar		Outros modos de representação gestual	Total
AÍ	10 (100%)	0	10
LÁ	13 (87%)	2 (13%)	15

Tabela 2 — Gestos em usos literais nos dados multimodais

GESTOS EM USOS METAFÓRICOS⁸			
Apontar		Outros modos de representação gestual	Total
AÍ	2 (20%)	8 (80%)	10
LÁ	3 (20%)	12 (80%)	15

Tabela 3 — Gestos em usos metafóricos nos dados multimodais

Vejamos algumas ocorrências que caracterizam os resultados obtidos em nossa análise, a começar pelos usos literais dos dêiticos locativos, nos quais identificamos uma predominância dos gestos de apontar — prototípicos da função dêitica. No exemplo a seguir, um jornalista, ao reportar a demolição de um imóvel localizado em área que possui risco de deslizamento, diz: “O mesmo acontece com aquelas casas **lá** em cima do morro, que estão prestes a desabar”. Observamos, na formatação gestual, o dedo indicador esticado/estendido, com palma orientada para baixo; o movimento é acentuado/preciso, reto e direcionado para

⁸ Os usos metafórico-discursivos do dêitico “aí” apresentaram características distintas das demais nos dados audiovisuais analisados. Neles, identificamos um número menor de ocorrência de gestos, talvez em função de apresentarem-se como ferramenta de concatenação de ideias no discurso. Como o objetivo do presente trabalho foi descrever os gestos manuais prototípicos e não prototípicos relacionados aos tipos de uso dos dêiticos, optamos por manter a subdivisão de uso “metafórico-discursivo” como recorte para investigação em outros trabalhos.

fora do corpo, a um alvo específico — o referente “lá”, que corresponde, fisicamente, às casas em cima do morro. Portanto, podemos concluir que não há presença de metáfora.

Figura 4 — Exemplo 11

Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



No exemplo seguinte, um repórter, ao falar das mesas lotadas dentro de um bar, em meio à pandemia, menciona que “(...) **lá** fora, ainda tem fila de espera”.

Figura 5 — Exemplo 12

Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



A forma do gesto se apresenta também com o dedo indicador esticado/estendido, mas, neste caso, com a palma orientada para cima; o movimento é igualmente preciso, reto e direcionado para fora do corpo, indicando o referente “lá”, que corresponde ao espaço físico fora do estabelecimento, onde havia presença de fila de espera. Assim como no caso anterior, não identificamos metáfora no gesto.

Já no exemplo 13, temos uma ocorrência de uso literal do dêitico “aí”. Um mecânico, ao explicar os procedimentos adotados no conserto de um automóvel, afirma para o jornalista

que fez tudo corretamente. Para reforçar seu argumento, aponta para os clientes, dizendo: “(...) a gente nunca se negou a fazer absolutamente nada pra eles, tanto é que eles tão **aí** na frente, eles podem verificar pro/com o senhor”.

Figura 6 — Exemplo 13

Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



No gesto em análise, observamos outra formatação de “apontar”: mão aberta/estendida, com orientação lateral/oblíqua da palma; o movimento, por sua vez, também é preciso, reto e direcionado para fora do corpo do falante, indicando a referência “aí”, correspondente aos clientes que estavam à frente do estabelecimento, próximos do jornalista. Concluimos, assim, que também não há presença de metáfora no gesto.

Analisemos mais um caso de uso literal do dêitico “aí”, acompanhado do gesto de “apontar” que vimos observando. No exemplo seguinte, um jornalista, ao reportar as doses da Coronavac chegadas da China, diz: “(...) são muitas caixas, **aí**”. Simultaneamente, as indica também pelo gesto:

Figura 7 — Exemplo 14

Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



Na forma, observamos a mão estendida/neutra, orientada para baixo; o movimento, neste caso, é fraco, mas retilíneo. Direcionado para baixo, aponta a referência “aí”, que, no espaço físico, corresponde às caixas com as doses da Coronavac. Não identificamos presença de metáfora.

Quanto aos usos metafóricos analisados nos dados, diferentes modos de representação gestual apareceram, com uma diminuição significativa nos gestos de apontar prototípicos. No exemplo a seguir, a atriz Letícia Colin, ao falar sobre a personagem histórica que interpretava à época, Leopoldina, menciona seu gosto pela Ciência e pelo estudo dos minérios do Brasil. Na sequência, depois de citar que Pedro I pode ter herdado esse “olhar científico” da esposa, encerra dizendo: “(...) enfim, se eu me lembro das aulas de História, acho que é por **aí**”.

Figura 8 — Exemplo 15
Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



Vamos à análise do gesto: em sua formatação, a mão está aberta, com orientação lateral da palma; o movimento é impreciso, em *zigzag*, direcionado para fora do corpo. O modo de representação gestual observado nessa ocorrência é “desenhar”: não há o apontamento de um referente no gesto, mas o desenho de um movimento no espaço — uma trajetória em *zigzag* — quando a atriz diz “acho que é por aí”. Identificamos nessa ocorrência a metáfora INCERTEZA É UMA LINHA EM ZIGZAG, em que o conceito de “movimento pelo espaço” é utilizado como fonte para estruturar a noção abstrata de “incerteza” sobre determinado assunto (o tópico discursivo). Em vez de um movimento retilíneo, o tipo que vemos é uma linha incerta em *zigzag* sendo desenhada pela mão: evidenciando, pelo gesto, a metáfora conceptual.

Identificamos a mesma metáfora no exemplo 16, ilustrado na sequência. Um entrevistado, ao mencionar a quantia em dinheiro que havia investido e que perdera em um

golpe, diz: “No meu caso, eu investi dezesseis mil, quinhentos e trinta e... oito, por **ai**”. No gesto, vemos uma ocorrência similar à observada anteriormente: a mão está aberta, com palma orientada lateralmente, em movimento impreciso e em *zigzag*, também direcionado para fora do corpo. Não há referente no espaço físico retratado no gesto. Observamos, assim, mais uma vez o modo de representação gestual “desenhar” — novamente na expressão da metáfora INCERTEZA É UMA LINHA EM ZIGZAG. O tópico discursivo (a quantia em dinheiro), por não ser determinado com certeza pelo falante, é acompanhado pelo movimento gestual que desenha uma linha em *zigzag*:

Figura 9 — Exemplo 16
Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



No que diz respeito aos usos metafóricos do dêitico locativo “lá”, entre a prevalência de outros modos de representação gestual, ilustramos abaixo um caso em que identificamos a expressão da mesma conceptualização metafórica tanto verbal quanto gestualmente. Trata-se da já mencionada metáfora TEMPO É ESPAÇO.

Na ocorrência em questão, um jornalista afirma: “O dia a dia de Salvador vai ter de volta as badaladas que **lá** atrás, nos séculos 18 e 19, não eram usadas só pra marcar as horas e chamar os fiéis para as celebrações. Como os sinos da Conceição da Praia podiam ser ouvidos em toda a cidade, que naquela época era pequena, eles eram o alarme da primeira capital do Brasil: tocavam pra avisar a população de tudo que acontecia na comunidade”. O gesto que acompanha essa fala tem o polegar estendido, com oblíqua orientação da palma; o movimento é preciso, retilíneo e direcionado para a direita, apontando o referente “lá atrás”. O tópico contextual, no entanto, não indicava uma localização física, mas sim mental, de um período no tempo: os séculos 18 e 19. Em convergência com as observações de Kendon (2004), esse gesto de apontar com o polegar indica, na ocorrência em análise, o passado, estruturado a partir do domínio-fonte como um lugar atrás do ego.

Figura 10 — Exemplo 17
Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



No exemplo a seguir, todavia, a mesma metáfora — TEMPO É ESPAÇO — é expressa pelo gesto diferentemente, de acordo com a intenção do falante. Neste caso, um jornalista esportivo está discorrendo sobre a modalidade “vôlei de praia” nos jogos Pan-Americanos. Ele diz que ela faz parte dos jogos “desde 1999” e que “de lá pra cá foram disputadas cinco edições (...)”. O gesto que acompanha essa fala tem configuração de mão aberta, com orientação lateral da palma. O movimento é reto, acentuado, mas não aponta uma referência no espaço. Sendo assim, o modo de representação gestual identificado foi “desenhar”: o gesto traça uma linha que vai da esquerda para a direita simultaneamente à fala “de lá pra cá”. Consideramos essa linha uma expressão de “linha do tempo”, em que, conforme a tradição ocidental, o passado fica à esquerda — “lá” no ano de 1999, quando teve início a modalidade nos jogos Pan-Americanos — e o futuro à direita — “cá”, o momento presente. O gesto, portanto, retrata a passagem do tempo conceptualizada em termos de espaço.

Figura 11 — Exemplo 18
Fonte: *The Distributed Little Red Hen Lab*



Nesse sentido, a análise dos dados multimodais mostrou-se compatível com a hipótese que estabelecemos. Nos casos literais, gestos de apontar prototípicos aparecem em maior parte — exemplos 11 a 14 —, ao passo que em usos metafóricos, as configurações gestuais variam de acordo com a metáfora em questão e a intenção do falante, como observamos nos exemplos 15, 16, 17 e 18.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de descrever, a partir de um ponto de vista cognitivo, os diferentes tipos de uso dos dêiticos locativos “aí” e “lá” em dados verbais, assim como de investigar — em análise baseada numa perspectiva multimodal da língua — os padrões gestuais associados a cada tipo, observamos a ocorrência dos dêiticos espaciais em 150 transcrições de dados de fala e em 60 dados audiovisuais. A partir dessas observações, para além de usos literais nos dados de fala, identificamos 13% de usos metafóricos do “lá”; em relação às ocorrências do dêitico “aí”, obtivemos 8% de usos metafóricos e 92% de usos metafórico-discursivos. Quanto aos dados multimodais, na análise dos gestos, observamos uma predominância de 100% e 87% de gestos de apontar prototípicos nos usos literais dos dêiticos “aí” e “lá”, respectivamente. Já nos usos metafóricos, identificamos em ambos uma prevalência de 80% de outros modos de representação gestual, não prototípicos da função dêitica.

Com base nos resultados, pudemos confirmar as hipóteses estabelecidas nesta pesquisa: os dêiticos locativos apresentaram usos literais e metafóricos em dados empíricos, e cada tipo de uso tendeu a se relacionar a distintos padrões gestuais no *corpus* analisado. Dessa forma, os resultados contribuíram para corroborar a metáfora como um fenômeno cognitivo básico da vida cotidiana, assim como a noção de mente corporificada, na medida em que conceitos de espaço (e de trajetória pelo espaço) apareceram como estruturantes de conceitos mais abstratos, como tempo e classe social, por exemplo, refletindo o modo como os indivíduos interpretavam a realidade ao seu redor. No que concerne especificamente à análise dos gestos, eles se mostraram uma fonte independente da fala a também sustentar, como vimos, tanto a Teoria da Metáfora Conceptual quanto a experiência física na qual nosso sistema conceptual é ancorado.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis locativa: o papel discursivo dos gestos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 1, 2017. pp. 73-89.
- AVELAR, M.; PINHEIRO, H. Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados orais e multimodais. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, set./dez. 2017. pp. 113-122.
- BRESSEM, J. et al. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. *Body–Language–Communication*. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013. pp. 1079-1098.
- CIENKI, A. Metaphoric gestures and some of their relations to verbal metaphoric expressions. In: KOENIG, J. P., *Discourse and cognition: Bridging the gap*. Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information, 1998a. pp. 189-204.
- _____. Why study metaphor and gesture? In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. *Metaphor and gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. pp. 3-26.
- _____. Cognitive linguistics, gesture studies, and multimodal communication. In: *Cognitive Linguistics*, v. 27, n. 4, 2016. pp. 603-618.
- _____. Analysing metaphor in gesture: a set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. *The Routledge handbook of metaphor and language*. London: Routledge, 2017. pp. 131-147.
- FERRARI, L. A Linguística Cognitiva e o realismo corporificado: Implicações filosóficas e psicológicas. In: *Veredas – revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 5, n. 2, jul./dez. 2001. pp. 23-29.
- _____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Chicago: Chicago University Press, 2004.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- LANGACKER, R. Metaphoric gesture and cognitive linguistics. In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. *Metaphor and gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. pp. 249-251.
- MÜLLER, C. What gestures reveal about the nature of metaphor. In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. *Metaphor and gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. pp. 219-245.
- PINHEIRO, H. *Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados multimodais*. Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística — PPGLin, Vitória da Conquista, 2017.
- TURNER, M.; STEEN, F. *The Distributed Little Red Hen Lab*. <<http://newsscape.library.ucla.edu/>> (acesso em 15 de outubro de 2020).
- YULE, G. Deixis and distance. In: *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996. pp. 9-16.